

# O EXEMPLO

Anno II  
Redactor e editor  
**Arthur de Andrade**  
ESCRITORIO  
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre — Quinta-feira, 25 de Maio de 1893

Director-gerente  
**Marcilio Freita**  
ASSIGNATURAS  
Por mez... 500 rs.

N. 23

## Correspondendo

III

A meu ver, o amor consiste na estíma e conservação do bello e também na unidade de dois seres que se conservam identicos, particularmente pelo sentimento. O amor tem variadissimas fórmãs de manifestação e, em qualquer meiojem que nos achemos, uma leve observação nos mostra a verdade do que affirmo.

O amor não manifesta-se só entre homens e mulheres; elle existe entre as plantas, os animaes e as aves. Darwin prova que os machos foram armados pela natureza para conquistar suas companheiras e que, excluidas pequenas excepções, elles procuram sempre a conquista. Nas plantas, o pollen procura o ovulo e este aguarda a fecundação; entre as fórmãs animalizadas, o elemento macho é conduzido até onde o germen o espera. O homem é a creatura mais perfeita da natureza e, por assim dizer, a synthese de todas as fórmãs inferiores; pois, quanto vemos de honesto e sublime, como de caprichoso e degradante nos animaes, tudo reproduz-se na especie humana, como uma méra imitação. Para pol-o á evidencia, cito alguns exemplos.

O pombo, mesclado mesmo com diversas raças, poucas vezes é infiel á sua companheira; e, se por excepcional capricho quebra o seu voto, volve immediatamente para junto d'ella. A observação nos aponta homens que dão exemplos da mais fiel monogamia e outros que, violando a fidelidade conjugal, são no entanto extremos para com suas consortes. A natureza apresenta entre os animaes alguns que possuem de doze a cem esposas; entre os homens existem os senhores dos harens e as polygamias hypocritas e vis da sociedade moderna.

Morrer victimado por uma paixão amorosa não é cousa exclusiva do dominio dos homens; os animaes também sentem e morrem, como nós. O tentilhão, por exemplo, cede, sob a pressão de uma apoplexia pulmonar, aos gozos da vida e morre, tendo lutado e cantado um hymno amoroso, sem nada *arranjar*; da mesma sorte, um poeta, aos pés de uma mulher, despedaça sua lyra, soltando seus ultimos e ternos aletos.

Se o rouxinol pende da rama e morre, por não vencer num canto melodioso um rival mais ditoso, — o homem também dobra-se e morre, por não triumphar de um amor infeliz, por não ter sabido *cantar e ficar de grande*, como o seu adversario.

Quanto á mulher, ser-lhe-á propriedade exclusiva a insistencia nos — *não me toques*, nos — *hoje não e amanhã sim*? Certamente não. Os disfarces com que na sociedade occulta-se ás vezes um almejado *sim*, nada mais são que fracas imitações dos fingimentos e affagos das femeas dos animaes; e vem ao caso citar a femea do canario, passaro mui conhecido na vida domestica.

Com uma ligeira observação fica-se convencido de que ella, com arte e graça, sabe resistir aos ardores amorosos e impacientes de seu companheiro.

As considerações feitas levam-nos á seguinte conclusão:

O homem, em muitos actos de sua vida, tem procurado imitar os animaes e leva-lhes vantagem por aperfeiçoar e amenisar esses mesmos actos, pelo poder de sua intelligencia.

Entre os selvagens o amor consiste unicamente no coito; entre os povos civilizados, porém, pôde-se affirmar, o amor tem seu fundamento

na escolha irresistivel e na profunda sympathia de dois entes, que se approximam.

Ninguém negará que, ao chegar á época da puberdade, não seja a mulher um ser que evoque a nossa attenção. O rapido desenvolvimento em que entra, o arredondamento dos quadris, o enchimento geral e embelezamento da fórma, a espessura da coma, o fulgor dos olhos, o odor da epiderme, tudo, tudo arrasta o homem, sempre que elle pretende illudir as mulheres e saciar seus instinctos libidinosos.

A mulher é sempre mais pudica do que o homem, a quem a natureza fornece recursos ignobéis para ensaiar sua malignidade.

O collega Vieira, dizendo que a mulher não ama e, sim, deixa-se arrastar pelas attracções da carne, pecca, mas gravemente.

E' raro ouvir-se de uns labios ainda não crestados pela taça das volupias, expressões como esta:

« Amo-te! sou toda tua. »

No entanto, com o sorriso nos labios e o fel na lingua, o homem oscula a face de uma joven e sella aquelle pacto com a desvergonha e a falsidade.

Geralmente deixamo-nos conduzir pela belleza da fórma, no intuito de perpetuar o triumpho do que é bello e moço sobre o que é velho e fraco; as mulheres, amando a belleza masculina, não desprezam a fealdade acompanhada de intelligencia e character elevado.

O collega Vieira, negando á mulher o direito de amar, desconhece ser da natureza desses entes inestimaveis o desejo de ver-se conquistada e pavoneada pela grandeza e pela pompa. Pela ordem natural das cousas, o homem persegue sempre a mulher; portanto, eu, que conheço-lhes as manhas, protesto contra a

## O EXEMPLO

*pretendida nymphomania*, que o collega Vieira irrisoriamente atirou á juventude feminil.

Ha, é verdade, casos raros nessa especie; mas esses jámais servirão de base para o collega sustentar uma proposição affirmativa.

Logo que sai a campo, combatendo as injustas affirmações do collega Vieira, começou elle a espolinhar-se n'um terreno lubrico e a tergiversar vergonhosamente. Assim é que affirma hoje, para negar amanhã. E vejamos. Referindo-se á mulher, disse peremptoriamente Henrique Vieira: «Ella não ama, o que sente pelo amante não é o amor puro, ardente e sim attracção da mulher pelo homem. São seduzidas pelos seus proprios sentimentos e pelas suas más cabeças.»

Sendo de mim emittidas algumas considerações a respeito, o collega retractou-se em seguida, exclamando: «Arthur de Andrade não ignora que não ha regra sem excepção, portanto nessas tantas moças que por ahi andam, não haverá algumas despidas de bom senso, de bons sentimentos, ou porque sua educação não fosse boa, ou porque seu genio seja exaltado, não dando tempo para reflectir e acreditarem nas palavras de um Lovelace vulgar e... pecam-se?»

Quem ler os excerptos supra-citados não fará certamente uma idéa de justiça em H. Vieira; porque, tendo affirmado que as mulheres não amavam, elle mesmo encarrega-se depois de fazer-lhes a defeza e vir exclamar comigo: O homem é sempre mais responsavel. Continuando a minha tarefa, transcrevo as palavras de um escriptor notavel: «O homem diz tudo em um só olhar; confessa immediatamente com orgulho a sua derrota; a mulher, mesmo sob o imperio da mais completa fascinação, baixa os olhos, nega-se á evidencia e defende-se por todos os meios.»

Que ha pudicia nas mulheres é incontestavel, assim como o é tambem que, não podendo ver *um miseravel* mendigar amor, amam-no só por compaixão e orgulho de tornar feliz aquelle desafortunado.

O homem, volúvel como a arêa do Sahara, curva-se humilde e carinhoso, nos primeiros tempos, á sua amante; depois... arrufa-se e calu-

nia torpe e infamemente a mulher, que em má hora o amou.

E é assim que ellas são arrastadas pelas attracções da carne, por esses *puros e sinceros*, que podem limpar a mão á parede.

Demais, quando os vejo levando a deshonra, a infamia, a tristeza e a miseria ao seio de uma familia; quando os encaro, arrastando ao lodo da prostituição essas mulheres, victimas de sua generosidade; quando os contemplo immersos na embriaguez do gozo e indifferentes aos gemidos de muitos infelizes, que arcam ainda com as difficuldades da gestação; quando os admiro, como protagonistas abjectos e indecorosos nessas scenas abominaveis, não posso, não posso deixar de exclamar que o homem, nesse afã, é infame, deshonesto e merecedor do nosso desprezo, muito embora encontre elles na pessoa do collega Vieira, um defensor gratuito e completamente infenso ao sexo feminil. Minha penna já deseja repouso; mas citemos, ainda, em abono do sexo fragil, a seguinte passagem de um escriptor notorio: «... E' essa uma das mil provas de que, pelo sentimento, a mulher nos excede tanto quanto a excedemos pela força e pela intelligencia; uma das mil provas de que a mulher tende sempre a elevar o amor, mesmo o mais baixo, ao passo que nós queremos sempre fazer passar pelas forças caudinas da volupia mesmo os amores nascidos, como as aguias, nos mais escarpados pincaros da psychologia.»

Lamento que o collega Vieira não se houvesse portado com galhardia na defeza ingloria de seus similhantes; não escreverei muito para convencel-o das considerações expostas e, mais um artigo, darei a questão por terminada e o collega, por fulminado no campo de batalha.

Tenho provada á saciedade que o homem é naturalmente polygamo e muito mais infiel, caprichoso e libertino do que a mulher; por outro lado, que a mulher ama e deseja encontrar no homem um fecundador, um defensor para a sua progenie ou um protector para a sua fraqueza, almejando estar segura da firmeza e affeição de quem garante amal-a. No meu proximo artigo lançarei sobre o assumpto em questão a ultima pá de cal: então os leitores julguem a

Henrique Vieira, que condemna a mulher e a mim, que a defendo.

Arthur de Andrade.

## Ferroadas

Após algum tempo de ausencia, volto ao meu posto e vou contar-vos, leitores, um facto que presenciei.

Entrámos em uma cigarraria e ahi encontramos um grupo de rapazes, fazendo alta vozeria e em seria discussão a respeito de fumos. Diziam uns que o «Maryland» ia na ponta; outros, que o «Goyano»; outros ainda, que o «Veado»; enquanto que eu, ouvindo-os attentosamente, pedi ao cigarreiro que me desse uma latinha de fumo «Pomba» fluminense.

Ao receber o tal fumo, que conheço ser especial, voltei-me para os do grupo e disse-lhes:

«Melhor que o Pomba não ha; e, si quizerem convencer-se, tomem o cheiro.»

A essa voz, a latinha foi arrebata da das mãos, e qual a minha admiração, vendo-os confirmarem que realmente o «Pomba» era esplendido.

A latinha possuia uma abertura ou fenda, que tambem chamam *grêta*.

Todos os circumstantes mantiveram-n'a e á larga hauriram na *grêta* os deliciosos aromas do «Pomba».

Recommendo o macio e agradável «Pomba» aos amadores de cousas boas e frescas.

JUSTAFA.

## Anagramma

Arthur de Andrade  
Marcili O Freitas

Aur Elio Junior  
Florencio Cali Neto  
Sergio de Bittencourt  
Arthur Galvão  
Esmeridião Calixto  
Herculano da Silva  
Alfred de Souza

MARIO MEIRELLES

Galeria de homens celebres

I

Seu Galdino, seu Galdino  
De Mendonça, de Mendonça,  
Bem me disse o seu A. Fava  
Que *vosmincê* tem pé de onça.

Sinão *mencê* por tão pouco  
Não botaria em leilão  
A fama que gosou sempre  
De honrado sachristão ;

Não deixava o seu lugar  
No rol da seria gente,  
Para ir fazer parrelha  
C'o camello João Vicente.

Isto, pois, não se commenta,  
Não se faça assim tão fino...  
Mande os nossos dez *tostones*  
Seu Galdino, seu Galdino...

ESCA.

Com todo o brilhantismo real  
lisou-se a 21, na Cathedral a  
festa do Divino Espirito Santo.  
Houve missa solemne, occu-  
pando o côro a orchestra do  
maestro Lino da Cunha, cantan-  
do os solos Exmas. Sras.

Ao Evangelho prégou o illustre e  
profecto orador Rev. conego  
Dr. José Gonçalves Vianna.

Consortio

A 18 do corrente uniram-se pelos  
laços do matrimonio o nosso amigo  
e collega Octaviano Manoel de Oli-  
veira e D. Carolina Gonçalves de  
Oliveira.

Parabens aos nubentes, a quem  
desejamos muita felicidade.

O EXEMPLO

Esta folha deixou de apparecer  
no domingo, devido á transferencia  
da typographia em que era impressa,  
para a do *Mercantil*.

Na terça-feira completou mais um  
anniversario natalicio a digna moça  
D. Rita de Oliveira Sá, virtuosa es-  
posa de nosso amigo Augusto Cezar  
de Sá.

Burlesqueando

Fui *roubado*. Os meus compa-  
nheiros, tomados de sincero jubilo  
pelo anniversario da redempção dos  
captivos, abriram as valvulas do en-  
thusiasmo e espalharam por todo o  
jornal as impressões que lhes gera-  
ram na alma patriotica aquella glo-  
riosa data ; de maneira que não dei-  
xaram um cantinho para eu met-  
ter o nariz. Porém eu, que sou tam-  
bem amigo dos grandes feitos, dou  
de *barato* á preterição que soffri,  
em vista da posição *sympathica* do  
*Exemplo*, evitando que o 13 de  
maio se passasse em olvido.

A «Floresta Aurora», antiga so-  
ciedade de dança e musica, nem si-  
quer mandou resar uma missasinha  
na capella do Senhor do Bomfim,  
em louvor a aurea lei e nem deu ao  
menos, uma passeiata pelas ruas da  
capital, desfazendo assim com os  
sons festivos de sua bem afinada  
banda marcial o torpôr que envol-  
via a população.

A «Applicação Musical» tambem  
se conservou na *moita* ; não fez um  
de seus convidativos e pittorescos  
passeios campestres em signal de  
regosijo pela grande data. ]

A «Dedicação e Progresso», FFF  
e RRR», a «Olympia Peres», em-  
fim todas pelo mesmo consequente  
— completa indifferença.

Essa gente não comprehende que,  
manifestando alegria pelos feitos,  
que directamente nos interessam,  
provamos que temos a organização  
precisa para respirarmos o purifi-  
cante ambiente da civilisação, e nos  
impomos ao respeito d'aquelles que  
não nos julgam capazes de maior  
commettimento sem a tutoria d'el-  
les etc., etc.

Essa arenga já vai longa. Afinal  
de contas não sou palmatoria do  
mundo : proceda cada um como qui-  
zer.

.... O meu já *embotijado burlesco*  
que foi arranjado com as preciosas  
revelações do amigo Benedicto, não  
pode ser contido e vou atiral-o ao  
dominio publico, embora fóra de  
tempo.

O Sr. Hilario de Oliveira, em vez  
de ir ao convidativo baile da  
«Sensitivas», onde era anciosamente  
esperado pela terna J., estava n'um  
*forrobódó* que houve n'uma casa da

rua da Varzinha, fazendo parte de  
um grupo invasor, que tinha o cen-  
tro de suas operações em uma pa-  
nella de mocotó. E, accrescentou o  
Benedicto, seu capaz de apostar que  
emquanto elle *lambia* a apimentada  
e fumegante mocotosada, não se lem-  
brava da amorosa J., que resignada  
culpava a outrem do motivo da au-  
sencia do ingrato. E eu tambem  
aposto ; mas passemos adiante.

... O Sr. Feliciano P. Corrêa des-  
cobre cada mel de pan que parece  
mentira !... Ha dias, me disse elle,  
que ao passar pela rua do Rosario,  
ouviu que uma voz tremula, mas-  
culina, modulava qualquer cousa de  
musica. Seguindo o rumo de onde  
partia a toada, parou defronte a um  
corredor e o que havia de ver !... o  
seu collega Leopoldo cantando e  
quebrando n'uma havaneira *chorada*  
com sua futura (d'elle).

Eu não quiz dar credito a pilhe-  
ria : o seu Leopoldo é um moço se-  
rio, mas... o Sr. Feliciano garante.

... Com a chegada do inverno e das  
noites de fôgos, as *andorinhas crises*  
do azeite estão batendo azas para  
regiões mais quentes. O *andorinha*  
da *pimpolha* Alzira, da Fabrica, já  
*abriu os dedos*, e então, para conso-  
lal-a, mandou-lhe uma carta da qual  
ella toda ganjenta mostra ás com-  
panheiras a seguinte quadra, que o  
*hagado* encaixou no principio da mi-  
siva :

« Com pena peguei na penna  
Com pena de te escrever ;  
Com pena larguei da penna  
Com pena de não te ver. »

E assim anda ella satisfeita, em  
quanto que uma jovem, a quem o Za-  
carias embalou na rêde das illusões  
do amor, anda ensaiando com a toa-  
da Yáyá das Pedreiras este versinho  
de sua lavra :

Foi, foi, foi,  
Foi *s'embora* e me deixou  
O diabo do rapaz,  
Que por troça me azeitou !

Esse mundo é assim mesmo :  
emquanto uns choram, outros can-  
tam.

... Assim como tico-tico pousa nas  
figueiras para beliscar os figos mais  
maduros e depois bate azas, deixan-

## O EXEMPLO

do o fructo furado, assim o *gorgôta* Clari, da Fabrica de calçado, andou amolando uma innocente do 3º districto; quando viu que tinha furado o coração da coitada com a setta de cupido, alou e lá anda o diabo a fazer roda roda a uma donzella da rua 28 de Setembro. Olho vivo menina, quem lhe avisa...

... Um alto personagem, em questão de namoro, anda pintando o setelá pela rua da Independencia e garante, a quem quizer ouvil-o, que no final do combate tirará o florão da *victoria*. Arruma lá isso.

Um nosso conhecido tirou o pé de lodo e agora está se fascinando com as fulgurações da moça dos brilhantes. Assim *velhote*, *porriba* sempre.

... Parece que o plano de guerra do H. Vieira é cançar a artilharia inexpugnável do A. de Andrade, até que fatigado elle tenha que murmurar:

« Nesse campo solitario,  
Onde a desgraça me tem,  
Chamo, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém. »

Para depois então dar nmas descargas de polvora secca. Vamos ver como se sae dessas escaramuças.

... Não sei si alguém já se lembrou de dizer que o tempo está mudado; si não, eu digo agora:

Depois que tornou-se *defunto* o *cadaver* da fallecida D. Mauricia, a quem Deus haja, acudiu pressuroso ao velorio o visindario curioso da rua do Arvoredo; e agora o vereis; os ditos picantes e acanalhados crusavam-se com os copos de canna, que corriam de mão em mão; todos tomaram; velhos, moços, solteiros e casados; todos tomaram; depois foi só aquella *graixa*: beliscões, suspiros, diabo a *quatorze*. Tenho on não razão?

... Um grupo de moços faceiros, do qual fazem parte o A. Vianna, Octacilio Chaves, Marcilio Freitas e outros com seus cabellos repartidos ao lado e crespinhos cahidos á testa, dão batalha campal de namoro na Varzea. Não acho bem escolhido o terreno, por causa da visinhança do quartel do 13... São muito moços os combatentes e esses soldados são o diabo...

... D. Miguelsito está querendo fazer-se bispo, para metter-se na mitra

do bispado de Olinda. Eu penso que não arranjas nada, Miguelsito: o Zacarias pôz sal na moleira da velha.

... Bem dizem as bruxas que não é bom fazer tenções sobre o que temos que gozar. Já escovava uma *teimosa* que possuo ha uns dez annos, para me exhibir na installação da *Flôr da Juventude*, quando soube que essa sociedade deu em agua de barrilla. Em compensação hei de me divertir bastante nos fogos.

BIRBOQUE.

## RESPOSTA

A ELLA

Eu aqui n'este bilhete  
Accuso o recebimento  
D'aquella tua cartinha  
Que toldou-me o pensamento.

Porque tu, sem mais aquella,  
Diz por fim; « não quero mais  
Saber de ti, *seu bilontra* !  
Porque isto assim me apraz »

Eu sinto; não sou bilontra;  
Mas já me não causa abalo  
Mais um dezar; pois, de tantos,  
Meu coração já tem callo.

HELIO SILVA.

Foi dado á sepultura, no dia 12 do corrente mez, o corpo do innocente Salustiano, filho do cidadão Leopoldo Fortunato e sobrinho de nosso amigo Manoel José Meirelles, a quem testemunhamos nossos sentimentos de pesar.

Na Cathedral foram proclamados, no domingo passado, os seguintes contratos de casamento:

Cidadão Alfredo Antunes com D. Isolina Fagundes;

Cidadão Tristão Soares de Lima com D. Claudina Rodrigues do Nascimento;

Cidadão Marcilio Dias da Costa com D. Catharina Candida Rodrigues;

Cidadão Marcos Damasio da Costa com D. Rita da Conceição Moreira.

Deu-se nesta capital, no dia 11 do corrente, o fallecimento do cidadão Eduardo João Ferreira, de 42 annos de idade, solteiro, e que exercia a profissão de pedreiro.

A sua familia eudereçamos peza-mes.

## União Operaria

Em consequencia de haver espectáculo na sexta-feira, no S. Pedro, esta sociedade transferiu o baile que devia realizar n'esse dia, para o dia 2 do proximo mez de Junho.

No dia 19 completou mais um anno de existencia o cidadão Arthur Uchôa, conhecido artista typographo.

Desejamos que viva muitos annos bafejado por feliz sorte.

Seguiu no dia 18 para a capital federal o intelligente e conceituado typographo cidadão Antonio Baptista de Freitas que, ao que nos consta, vai ali fixar residencia.

Boa viagem.

## INDICAÇÕES

### S. B. Porto-Alegrense

E' medico effectivo d'essa sociedade o Dr. Luiz Masson, que é encontrado todos os dias uteis no edificio da mesma, das 8 ás 9 horas da manhã.

E' fiscal do mez corrente o cidadão Patricio Praxedes de Oliveira, que reside á rua da Olaria

## A PEDIDO

### Não tem duvida

Deu-se na rua de Sant'Anna, esquina da de Boa Vista, um factó muito importante; o cidadão Francisco Rosa, de namoro com certa mocinha do Parthenon.

Se a esquina fallasse tinha muito que dizer. O azeiteiro é tão fino que não posso comprehendel-o: n'uma já deu de *taboa* e na outra não tarda a dar.

P. S. de Carvalho.